

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO SIGNO IDEOLÓGICO NA POESIA “COMO SOMOS”, DE ARNALDO ANTUNES

Marcos Roberto dos Santos Amaral *
João Batista Costa Gonçalves **

“O homem se forma concomitantemente com o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo” (BAKHTIN, 2011, p. 222).

Resumo: Pesquisas no campo da linguística, nas variadas posturas ontológico-epistemológicas, como Linguística Textual, Linguística Aplicada, Pragmática, Análise do Discurso, etc., põem em perspectiva a reflexão sobre percursos teórico-metodológicos pelos quais ela se envereda. Assim, endossam-se questões sobre quais objetos, procedimentos e objetivos na análise linguística, especialmente, quando se questiona o problema dos limites do signo: estrutura abstrata, cujo estudo basta a despeito do uso ou fenômeno histórico que transborda os imperativos de um sistema autônomo. Neste artigo, discutiremos de que maneira a Análise Dialógica do Discurso concebe o signo ideológico, prescindindo de uma delimitação rigorosa entre signo e situação social. Analisaremos de que forma um discurso contemporâneo, a exemplo da poesia “Como Somos”, de Arnaldo Antunes, organiza-se (des)construindo signos linguísticos situados em interações verbais e sociais concretas. Discutiremos uma perspectiva na linguística atual que redimensiona epistemologicamente o tratamento do signo linguístico, para tangenciar complexas relações semióticas características das práticas discursivas concretas. Enfim, destacaremos que especificidades das práticas discursivas atualmente se fundam em novas maneiras de organizar semioses linguísticas fônicas, lexicais, sintáticas, gráficas, espaciotemporais, ao se apropriar de outras semioses visuais, digitais, vocais, tornando imprescindível considerar aspectos axiológicos históricos na análise linguística.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Signo ideológico. Análise Linguística. Poesia. Arnaldo Antunes.

A DIALOGIC ANALYSIS OF THE IDEOLOGICAL SIGN IN THE POEM “COMO SOMOS”, BY ARNALDO ANTUNES

Abstract: Several projects in the field of linguistics, in its various epistemological and ontological postures, such as text linguistics, applied linguistics, pragmatics, discourse analysis, etc., put the reflection about theoretical-methodological paths in which it engages in perspective. Therefore, several questions about what are the objects, methods and aims of linguistic analysis are endorsed, mainly, when the matter of the limits of the sign is questioned: if an abstract structure, whose study is suffice despite the use or historical phenomenon that overflow the imperatives of an autonomous system related to the use. In this article, we will discuss how the Dialogic Discourse Analysis conceives the ideological sign, not taking in account a strict delimitation between sign and social situation. We will analyse how a contemporary speech, such as the poem “Como Somos”, by Arnaldo Antunes, is organized through the (de)construction of linguistic signs placed on concrete verbal and social interactions. We will discuss, from then on, the particular need of contemporary linguistics to reconsider its position about what is a linguistic sign and the limits of its minimum unit of analysis, in order to tangenciate the complex semiotic relations that are characteristics of current discursive practices. Finally, we will emphasise that the specificities of discursive practices currently are based on new ways of organizing phonic, lexical, syntactical, graphical and spatio-temporal linguistic semioses, by appropriating other visual, digital, vocal semioses, making imperative not to disconsider historical and axiological aspects in linguistic analysis.

Keywords: Dialogic Discourse Analysis. Ideological Sign. Linguistic Analysis. Poem of Arnaldo Antunes.

Introdução

Discutir sobre quais são os limites de uma ciência fomenta, indiscutivelmente, o debate acadêmico de qualquer área. Inclusive, esta discussão, por vezes, faz parte ora da fase heroica de delimitação das bases de uma ciência contra uma tradição em que ela não tinha espaço¹, ora da fase construtora de reorganização do seu campo de atuação; é o que ocorre, então, quando diversas perspectivas dos estudos da linguagem buscam redefinir os limites do que seria devido à sua “observação” científica.

Essa discussão, sempre, de uma forma ou de outra, subjaz às grandes questões que determinam os caminhos das ciências, de modo geral. Atualmente, muito se discute sobre do que a linguística deve tratar em suas pesquisas. Nas suas diversas ramificações, textual, aplicada, pragmática, das análises do discurso, etc., os debates, nos estudos linguísticos, oscilam, em diversos graus, sobre a natureza social e estrutural da língua/linguagem. O que, no fim das contas, é um debate sobre quais são os objetos analíticos e teóricos da linguística.

Quando se critica, por exemplo, esta ou aquela vertente dos estudos da linguagem como não críticos ou não estritamente linguísticos – como se uma coisa fosse antípoda da outra – o que está em jogo é a forma como tal corrente está abordando alguma característica do “uso” linguístico e/ou do “sistema” da língua. Em outras palavras, se é válido ou não estudar dada particularidade – ou a “história”, ou a “política”; ou a “estrutura” da linguagem. Por exemplo, o fato de se concentrar em questões sobre a organização sintática de dado enunciado, ou sobre os efeitos de sentido deste sintagma, ou ainda sobre a sua associação em lógicas de poder e exclusão social será aceito ou não como um tipo de estudo linguístico conforme quem estipule os parâmetros desta aceitação pressuponha que o objeto linguístico componha/estenda/imiscua-se ou não por entre aquilo que se entende por linguístico e extralinguístico.

É, com efeito, a respeito dos limites entre do que é tido ou não como linguístico ou extralinguístico, verbal ou extraverbal que muito do debate sobre a legitimidade da linguística é desenvolvido, polemizado e polarizado. O fato é que, na verdade, a reflexão sobre seu objeto é determinante dos caminhos pelos quais a linguística se envereda.

Pensando nisso, propomos discutir, neste artigo, sobre de que maneira a Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) concebe o signo ideológico, a fim de demonstrar o potencial teórico e analítico de uma perspectiva linguística que prescindia de uma delimitação rigorosa entre signo e situação histórica - sua inescapável ligação com os lugares, contextos sociopolíticos e sujeitos a partir da qual efeitos de sentidos são deflagrados. Para tal, analisaremos de que forma um discurso contemporâneo, a exemplo da poesia “como somos”, de Arnaldo Antunes, organiza-se, através da (des)construção de signos linguísticos, valendo-nos da descrição das propriedades ideológicas que compõem o enunciado discursivo, o que especifica as propriedades semióticas (emergência ideológica do signo) das interações verbais e sociais. Nosso objetivo, portanto, é deslindar como se amplia a percepção de signo linguístico para tangenciar as complexas relações semióticas características das práticas discursivas contemporâneas.

1 O problema do signo linguístico

A perspectiva dialógica de análise do discurso destaca que uma análise de determinado enunciado comprometida com questões sobre o funcionamento da cultura viva não ocorre de outra forma senão considerando seu situação histórica, concreto e irrepetível, além de marcado pela presença autoral de sujeitos históricos. Caso contrário, uma análise do enunciado que se concentre, exclusivamente, nas suas propriedades sistêmicas linguísticas, como se esta dimensão fosse a fundamental, por mais que seja necessária, estaria enviesada por um ponto de vista negligente de questões históricas fundamentais, como a constitutividade contraditória das práticas verbais e sociais. Assim, Bakhtin (2011, p. 288) assevera que:

[...] quando se analisa semelhante oração isolada costuma-se interpretá-la como enunciado acabado em alguma situação simplificada ao extremo: “O sol saiu”; o falante está vendo que a grama é verde e declara: “A grama é verde”. Semelhantes “comunicações” sem sentido costumam ser consideradas francamente como casos clássicos de uma oração. Em realidade, porém, toda informação semelhante dirige-se a alguém, é suscitada por alguma coisa, tem algum objetivo, ou seja, é um elo na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida. (BAKHTIN, 2011, p. 288).

Vê-se, portanto, que, para a perspectiva dialógica, o que importa é considerar o *quantum* social, ideológico, fundamental, para a constituição de uma prática discursiva. Por isso, concentra-se, especialmente, em questões como a de que maneira um enunciado está atrelado a dada esfera discursiva, envolvendo situados posicionamentos axiológicos² de determinados sujeitos, assim, não se atentando, exclusivamente, a questões de ordem linguístico-descritiva, que buscam a precisão/simplificação do sentido. Volóchinov (2017, p. 181, grifos do autor) observa que os atos discursivos se pautam menos na comunicação de significados estáveis que na socialização/contradição/disseminação de posições axiológicas, uma vez que:

[...] de fato, a forma linguística é dada ao falante, como acabamos de mostrar, apenas no contexto de certos enunciados e portanto apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que compreendemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, grifos do autor).

Certamente, todos estes princípios metodológicos e teóricos são especificados numa postura epistemológica e ontológica encorpada na chamada Análise Dialógica do Discurso. Esta perspectiva funda-se segundo o entendimento de que “a orientação de palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico³” (BAKHTIN, 2015, p. 232). Os autores do Círculo de Bakhtin⁴ estavam interessados, portanto, em construir uma ciência semiótica que superasse alguns problemas da linguística tradicional que se organizava segundo procedimentos idealistas e objetivistas⁵.

Nesse sentido, questões sobre referência, sentido, forma, arbitrariedade e motivação, significado e referente, uso e norma são redimensionadas por questões sobre as particularidades transitórias da dinâmica de interação social que compõem fundamentalmente as formas das práticas discursivas. Em Volóchinov (2017, p. 231-2), compreende-se que:

[...] a diferença entre o tema e a significação⁶ e a correta compreensão das suas relações são de extrema importância para se formar a verdadeira ciência sobre as significações. Até o momento, a importância disso não foi compreendida em absoluto. A diferença entre significação *usual* e a *ocasional* da palavra, entre significação principal e secundária, entre significação e cossignificação, e assim por diante, é totalmente insatisfatória. A principal tendência em que se baseia esse tipo de diferenciação – a de atribuir o maior valor ao aspecto principal, usual da significação compreendido como realmente existente e estável – é totalmente errônea. Além disso, o tema, que obviamente de modo algum pode ser reduzido à significação ocasional e secundária das palavras permanece incompreendido. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 231-2, grifos do autor).

Grillo (2014, p. 139) considera que o tema “incorpora o processo interpretativo do coenunciador [que] se dá na sua capacidade de dialogar com o enunciado, por meio da sua inserção em um novo universo social”. E sendo um dos três elementos constitutivos da palavra, além do significado e do acento valorativo, o tema delimita o objeto a que se direciona e orienta-o segundo a história dos discursos sobre o mesmo tema. Segundo ainda a autora, “a elaboração do tema é motivada pela reação a enunciados precedentes sobre o mesmo tema e pela antecipação da posição responsiva do destinatário” (GRILLO, 2014, p. 147).

A análise dialógica, com efeito, se concentra na propriedade discursiva responsiva entre os sujeitos sociais, o que, por consequência, faz com que destaque a dimensão iterável das interações verbais e sociais de “reiteração na diversidade, organização da multiplicidade buscando o comum, sem cair em abstrações dessoradas de vida” (MARCHEZAN, 2014, p. 118). A abstração da história⁷ foi um caminho pelo qual a tradição de análise linguística do signo/enunciado encaminhou-se. Essa abstração define-se enquanto desconsidera o valor axiológico como elemento constitutivo do signo. Assim, para uma análise linguística, nesse viés, o signo é constituído tão-somente pelo objeto a que se refere (significado) e a forma pela qual esta faz tal referência (significante), não importando o fato de que cada ato discursivo esteja intrinsecamente associado a um horizonte social⁸, estando organizado segundo axiologias características. Enfim, conforme Volóchinov (2017, p. 236-7),

[...] apenas um elemento abstrato percebido no sistema da língua e não na estrutura do enunciado, aparece privado de avaliação. Foi

justamente a orientação para o sistema linguístico abstrato que fez com que a maioria dos linguistas isolasse a avaliação da significação, considerando-a um elemento secundário da significação, uma expressão da opinião individual do falante sobre o objeto da fala. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 236-7).

Essa separação, em última instância, promove um entendimento de que a linguagem se define enquanto modo de comunicar significados racionais, o que é verdade, no entanto, não toda a verdade. O que comunicamos, como se viu, são verdades, mentiras, acordos, desacordos, agrados, desagradados, etc., – e isto matizados/graduados em diversos meios termos, ou seja, formas avizinhas/ambíguas entre cada polo destes contínuos. Logo, em sendo nossa experiência com o mundo sempre mediatizada discursivamente, isto é, refratada por axiologias alheias anteriores e projetadas, o ato discursivo/signo organiza-se pela relação interconstitutiva entre matéria (a materialidade característica utilizada nas diversas interações discursivas), conteúdo (o significado estável, a que se recorre para garantir algum entendimento comum) e índice de valor (aquilo que afeta a forma e o conteúdo, através do tom emotivo-volitivo específico de dada situação histórica). Essa organização é que faz do objeto da ADD distinto de uma análise linguística lógico-descritivista-abstrata, cabendo àquela o estudo do signo ideológico, ou seja, do signo linguístico dimensionado por sua constitutividade histórica. A desconsideração desta especificidade é, justamente, o problema do signo numa análise linguística interessada na situação histórica de seu uso.

2 A especificidade do signo ideológico

Volóchinov (2017) observa que o problema do discurso enquanto realidade material específica da criação ideológica será, devidamente, apreciado, caso se reconheça a concretude histórica das interações discursivas, ou seja, o caráter ideológico do signo. Ora, visto que “tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, grifos do autor), o signo linguístico só pode ser ideológico, já que sempre está se remetendo (refratando) a dado sentido/objeto exterior (referência⁹). A orientação para a exterioridade como especificidade da relação sígnica tem sentido, na medida em que se contrapõe às realidades físicas e naturais¹⁰ - ou seja, não culturais, históricas,

humanas -, que não significam nada, além de seu valor instrumental, e, por isso mesmo, coincidem consigo mesmas, isto é, não entram numa cadeia dialógica de sentido. A especificidade sígnica, portanto, é a propriedade relacional de dada materialidade dirigir-se a outra para poder ter sentido relevante socialmente. Esse é o caráter semiótico do signo. Como este movimento para a exterioridade não é homogêneo, sendo mesmo refratário¹¹, ele sempre será situado, daí seu caráter ideológico.

O signo é ideológico, de acordo com sua relação de sentido contraditória de diversas orientações sociais e seu valor de demarcação de posições axiológicas distintas, porque se situa em horizontes sociais particulares. E é o seu caráter sígnico, de não coincidência consigo mesmo, “*um traço comum a todos os fenômenos ideológicos*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94, grifos do autor). Deve-se ressaltar que nenhuma forma material é, *per se*, ideológica ou mesmo participa de uma relação semiótica. A propriedade sígnica e ideológica ocorre por conta de o ato humano dar sentido a esta ou àquela realidade, no momento em que esta se relaciona com outra realidade de sentido inscrita numa cadeia discursiva. É certo que o valor semiótico e o papel condicionante da comunicação social sobre a ideologia ocorrem, mais sensivelmente, nas relações discursivas, por isso “a palavra é o fenômeno ideológico *par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98).

Assim, é importante compreender de que maneira as realidades do mundo especificam-se ideologicamente, por meio da concretude das relações discursivas. Para tanto, Volóchinov (2017) debruça-se sobre as propriedades básicas do signo ideológico, para perceber sua materialidade discursiva, uma vez que é, justamente, na materialização da comunicação discursiva, enquanto interação social, em suas formas e condições básicas, que consiste a especificidade de todos os signos ideológicos. É, a partir desta materialidade, que se pode estabelecer uma metodologia coerente com a perspectiva dialógica de análise do discurso, que reconhece a constitutividade ideológica das relações sociais nas formas discursivas. Para tanto, são examinadas as seguintes propriedades do signo ideológico/discursivo: pureza semiótica; neutralidade ideológica; implicação na comunicação humana ordinária; possibilidade de interiorização; presença obrigatória em todo ato consciente. Sobre a pureza semiótica Volóchinov (2017, p. 98-9, grifos do autor) expressa-se da seguinte forma:

[...] na medida em que isolamos previamente os fenômenos ideológicos e suas leis da consciência individual, os relacionamos de modo mais estreito como as condições e as formas da comunicação social. A realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação. Pois a existência de um signo não é nada mais que a materialização dessa comunicação. Isso se refere a todos os signos ideológicos. Contudo em lugar algum o caráter sígnico e o fato de a comunicação ser absolutamente determinante são expressos com tanta clareza e plenitude quanto na linguagem. A *palavra*¹² é o fenômeno ideológico par excellence. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerada por ela, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social [...]. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98-9, grifos do autor).

Já para a questão da neutralidade do signo ideológico, o que a distingue, conforme Volóchinov (2017, p. 99, grifos do autor), é a particularidade de ser a palavra “neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. Quanto à questão da constitutividade do signo ideológico da comunicação humana, a não vinculação, isto é, a neutralidade em relação a uma esfera ideológica específica permite o enriquecimento das formas discursivas por conta de que este signo sempre possui pontos de contato entre as diversas esferas discursivas, ampliando e transformando horizontes e índices de valor. Além disso, é na comunicação da vida cotidiana que a palavra é o material privilegiado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99-100).

Quanto ao ponto da possibilidade de interiorização, Volóchinov (2017, p. 100) observa que o discurso é construção social e interiorizada, o que é possível graças à propriedade da palavra de ser um material que prescinde de recursos extracorporais – fisicamente executados – imprimindo-lhe o papel de material semiótico da vida/discurso interior, ou seja, da consciência.

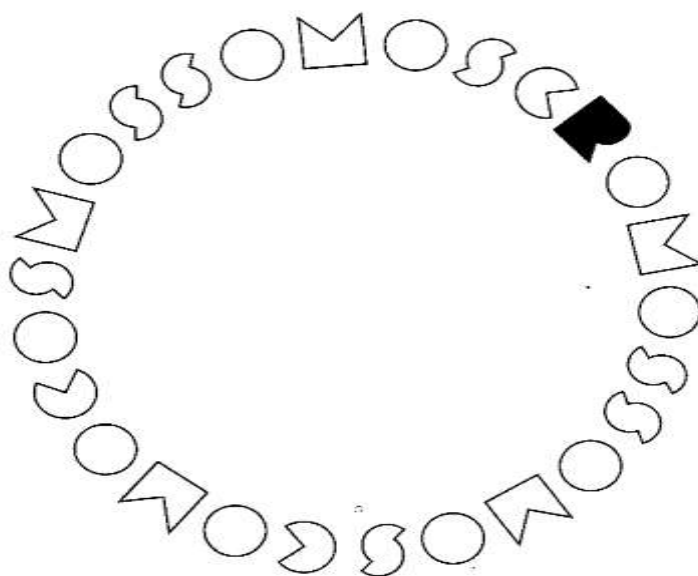
Enfim, o signo ideológico é compreendido através da aproximação de signos apreendidos, feita por sujeitos desempenhando práticas sociais, a outros signos já conhecidos. Assim, por tudo isso, os signos são ideológicos porque só emergem na interação social (VOLÓCHINOV, 2017).

3 Análise dialógica da poesia “como somos”, de Arnaldo Antunes: o signo ideológico

A poesia “como somos” participa do livro “n. d. a.”¹³, de Arnaldo Antunes (2010), obra em cuja composição são redimensionadas, heterodiscursivamente, relações hierárquicas, como as posições entre letra e imagem, poesia e prosa, erudição e coloquialismo. As poesias dessa obra em geral orquestram diversidades contraditórias, que desafiam conservadores limites dos objetos e funções poéticas e ético-políticas, rearticulando formas materiais e simbólicas que indiciam modos de agir a favor do diálogo criativo de diversas vozes sociais.

A poesia que analisaremos especialmente organiza-se pela problematização da possibilidade de existência do próprio signo. Veja-se a poesia “como somos” (ANTUNES, 2010, p. 197):

Como somos



ANTUNES (2010, p. 197).

Pode-se dizer que o discurso dessa poesia faz o signo desestabilizar-se de seus usos comuns e o reinscreve em outra cadeia ideológica, de sorte que os valores associados a ele se transformem. Esse movimento/momento marca o caráter transitório e limítrofe de todo signo ideológico. Dessa forma, o signo não existe de

outra forma senão enquanto semiose, possibilidade de significação, enquanto orientação social, remetendo a algo situado fora de si mesmo, que está nas práticas sociais.

Tal distinção demarca-se através de uma perspectiva que separa a “suficiência¹⁴” do sinal e a “indexicalidade” do signo, ou seja, aquilo que é criado socialmente, a partir de mediações históricas daquilo que tem valor apenas instrumental. Nesta poesia, os lexemas *cromossomos*, *somos*, *como* e *cosmos* são vocábulos em cuja forma diversos outros podem ser compostos/decompostos. Por exemplo, em *cromossomos*, vê-se/lê-se *cromo*, (*h*)*omo*, *osso*; já em *cosmos*, *osmo* – radical de *osmose*. A (de)composição destes termos/sentidos promovem a fusão de si, por conta da aglutinação das formas gráficas e lexicais, o que, inevitavelmente, remete para o constitutivo imbricamento de diversas esferas de produção ideológica, as quais, trazidas para a leitura/visão do texto, fazem contradizer-se pontos de vistas específicos. Por exemplo: a assunção dos valores impregnados no termo *cromossomos*, que estão orientados para sentidos relacionados a campos científicos (biológicos, sobretudo), por suas situações concretas comuns de uso, via de regra, inscreve-se em enunciados de tom assertivo, didático, sentencioso, ou pedante, imperativo.

As práticas características dessa esfera, em relação a discursos tidos, em sua perspectiva, de natureza não-científica, são de rivalidade, no sentido de pautar um padrão normativo de proceder, na disputa pelo poder, e exclusividade, de explicar o mundo. Historicamente, elas afirmam-se na negação do contraditório como valor explicativo, e, tradicionalmente, são definidos por oposição a discursos tidos como artísticos, leigos, religiosos, por estes pretenderem formas ambíguas, reticentes, polivalentes, complexas. Assim, a carga histórica do termo *cromossomos* é/deve ser lembrada para dar corpo aos efeitos de sentidos paradoxais¹⁵ entre posturas que se pretendem formas canônicas, claras, lineares contra outras, pretendidas por ela obscuras, ingênuas.

O termo que encerra estas outras pretensões é *cosmos*. Na poesia, várias vozes sociais são organizadas através do recurso à forma da primeira pessoa do plural, a qual se revela atravessada por índices de valor de esferas ideológicas heterogêneas, como as poéticas, científicas e de ideologias do cotidiano, uma vez que a extensão do *somos* pode compreender todos os espaços sociais onde haja

interação discursiva. Ao contrário do termo *cromossomos*, comum a típicos enunciados situados em interações científicas, escolares, profissionais, acadêmicas, o termo *cosmos* aparece em práticas místicas, religiosas, poéticas, cotidianas e, inclusive, científicas. Esta última acepção já aproxima esses territórios, e é, justamente, sobre a possibilidade de aproximação de modos de refração de dado signo, como condição de instabilização/estabilização de sentidos verbais e sociais (condição da própria possibilidade da linguagem), em que essa poesia se organiza.

Os termos *cromossomos* e *cosmos* estão numa posição de identidade¹⁶ na função de predicativo do mesmo sujeito *nós*. No entanto, suas histórias apontam para diferenças que tornam esta semelhança tensa. Certamente, nesta poesia, colocam-se em discussão tanto esferas discursivas distintas e, às vezes, tidas como antagônicas – ciência, filosofia e poesia – quanto acentos apreciativos sobre temas relevantes socialmente, portanto, ambivalentes, sobre a natureza biológica e metafísica do ser humano e possibilidade de fusão sem hierarquização de todos pontos de vista com que se tenha contato.

Em sabendo que cada objeto/fenômeno do mundo se orienta para dada situação de relações de produção, assumindo, assim, um valor social, é, conforme Volóchinov (2017), na não-coincidência consigo mesmo que um objeto se torna signo, portanto, ideológico. Em outras palavras, quando um objeto passa a remeter para algo fora de si, situado e axiologizado numa prática social é que emerge o signo.

Esse processo dá corpo a esta poesia, na qual se destaca formalmente uma espécie de necessária não coincidência de cada signo, para que todos possam reinscrever-se e reacentuar-se, ou seja, remeter a outros horizontes sociais de valor. É o que ocorre com a forma lexical *cosmos*, que, de um lugar ideológico místico, impregnado de sentidos encorpados por práticas sociais pautadas no mistério da revelação de saberes sagrados, passando para a poesia, é acrescida de um novo tom, o de discurso voltado para a elaboração composicional como maneira de refletir sobre cosmogonias humanas.

No caso específico desta poesia, outro sentido é inscrito em *cosmos*, não o de forma cultural oposta ao cientificismo, mas o de disseminadora dos sentidos das formas de cultura representativas de ideário de *cromossomos*. Esse processo de devir sígnico, que se estabelece, materialmente, em torno de uma espécie de linha de demarcação entre o mundo objetal e o ideológico a partir da qual, em tese, um objeto

pode ter valor sígnico ou não, é importante para o entendimento da poesia acima, porque esta se constrói segundo o uso de formas similares a objetos físicos, tais quais formas geométricas (que fora da instância valorativa das ciências matemáticas e em contextos cotidianos, não têm sentido), além da percepção de duas cores (o que seria apenas processo psicofisiológico). Logo, haveria a organização de uma aparência de apenas a reunião de objetos e não de signos ideológicos.

No entanto, podemos, já que a poesia reflete sobre a essência das relações pessoais (*como somos*), remeter à insinuante presença de uma cor não padrão no conjunto da obra à tendência contemporânea de sentimento de inadequação, ou de impossibilidade de acabamento dogmático, ou, simplesmente, à falência moral de qualquer vontade de homogeneização.

Sendo assim, cada forma-sinal está associada a formas-sígnicas convencionais, como as verbais *chromossomos*, *somos*, *cosmos* e *somos*, além de símbolos, tais qual o círculo (que remete à infinitude, à perfeição e ao ciclo da vida). Este processo de associação, ou de remissão a sentidos, que se fundam em práticas sociais, é permitido pela superação da linha de demarcação objetual das formas postas na poesia, que, embora reforcem uma forma de coisa, desorientando a estabilidade de um signo, o faz justamente para lembrar os processos de emergência instável constitutivos de qualquer signo ideológico.

Por fim, desse modo, os posicionamentos institucionais sobre a natureza/condição humana são relativizados quando se pensa no modo “confuso”, na co(n)-fusão de vivências sociais que as práticas cotidianas fazem, sendo este “tom” assumido na poesia que permite seu modo particular de produção de sentido. Aqui, ocorre a construção da possibilidade de se ter uma voz delimitadora de uma posição “desterritorializadora” de quaisquer posições conservadoras de esferas ideológicas para a “definição” da “natureza” do homem. Isto, tanto porque qualquer voz, no texto, é materializada numa forma sígnica e o signo apenas se torna signo ao remeter para o exterior social, o que lhe dá a particularidade transitória; quanto, porque, a se valer de um “nós”, por assim dizer, eventualmente sensível e aberto a qualquer sujeito social, do enunciado *somos*, põe qualquer expressão verbal e social enviesada, pois toda orientação discursiva para grupos de pessoas será contraditória, na medida em que a coletividade implica alteridade.

Considerações finais

A poesia “como somos”, de Arnaldo Antunes, organiza-se a partir da saturação/impregnação/sobreposição de diversos signos em um só signo, que, numa postura estritamente linguística, teria estruturalmente sentido por ter um valor estável num sistema dado, como as inspiradas nas perspectivas estruturalistas, funcionalistas ou gerativas, por exemplo. Ademais, estes mesmos signos são utilizados no limite de sua forma não sígnica, quase como se não se tratasse de um fenômeno discursivo, sendo outra coisa que não linguagem verbal: um desenho, por exemplo.

É, assim, no limite do sinal e signo, como vimos, que essa poesia indicia as formas singulares das relações discursivas marcantes da contemporaneidade¹⁷, em que a complexidade, a disputa velada entre diversas manifestações de posturas conservadoras e não hegemônicas são o que fundamenta a estabilidade dos sentidos. A amálgama transitória de sentidos que remetem a diversos lugares de cultura é, assim, tecida através dos diálogos estabelecidos na poesia, por meio da intrusão de diversos acentos ideológicos, segundo a desestabilização de usos discursivos consagrados¹⁸.

Por fim, a discussão feita até aqui nos permite sugerir que pouco se poderia concluir sobre os efeitos de sentido do texto/enunciado “como somos”, valendo-se estritamente de noções e categorias linguísticas a-históricas, sem recorrer a sentidos decorrentes dos contextos, lugares e sujeitos históricos, tais como, no caso da análise literária, figuras de sintaxe, de pensamento, de palavra e de som, ou, no caso da análise gramatical, de funções sintáticas ou textuais, apartados de seus valores situados historicamente, isto é, ideológicos. Dificilmente, encontraríamos algo a dizer sobre jogos de linguagem como assonâncias ou comparações, muito menos determinar de que maneira um complemento sintático poderia esclarecer o significado desta poesia analisada, se nos concentrarmos ao aspecto abstratamente linguístico. Poderíamos até questionar quem seria o autor, quais os *frames*, os esquemas textuais, etc., utilizados pelo autor para produzir o texto em questão, o que traria alguma luz para a sua interpretação.

No entanto, não alcançaríamos a densidade das referências a sentidos de esvaziamento, saturação, vertigem, aos quais esta poesia recorre para gerar seus efeitos de sentido, o que é possível pela noção dialógica de signo ideológico, já que

esta tematiza a dimensão axiológica do signo. Por isso, a hipótese de que a linguística hoje apresenta perspectivas que reconsideram a noção de signo, a fim de apreender as contemporâneas vicissitudes da linguagem, não porque correntes clássicas, tais a saussuriana, tenham errado em determinar o signo linguístico abstratamente, enquanto valor numa estrutura, (sua contribuição é bastante válida), mas porque as especificidades das práticas discursivas se fundam especialmente por modos de mobilizar novas maneiras de organizar semioses linguísticas ampliando as formas fônicas, lexicais, sintáticas, gráficas, espaciotemporais, ao se apropriar de outras semioses (como as digitais-midiáticas¹⁹, por exemplo), o que torna imprescindível não desconsiderar aspectos axiológicos históricos na análise linguística.

Notas

* Marcos Roberto dos Santos Amaral é doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE - PosLA-UECE. Possui graduação em Letras Português e Literaturas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2009) e mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE - PosLA-UECE (2017). Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE) e do Grupo de Estudos Deleuze & Guattari (GEDEG). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Professor (licenciado para estudos) da rede estadual de ensino do Ceará - SEDUC-CE. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8130-4580>

** João Batista Costa Gonçalves é doutor em em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2006). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1994), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (1998), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2006) e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2016). Atualmente é adjunto IX da Universidade Estadual do Ceará, coordenador do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, e desenvolve pesquisas centradas nos estudos bakhtinianos do discurso.

¹ Como foi o próprio caso da linguística moderna, que, pelas mãos de Saussure, travou uma disputa com a filologia clássica para fundar-se enquanto ciência legítima, quando estabelece ser o signo a unidade mínima, básica, que dá os parâmetros gerais para discussão, considerando a sua relação/valor de oposição com outros signos, postulando, assim, que o signo é um valor e não uma representação, como se admitia até então nas ciências da linguagem.

² Em Bakhtin (2014, p. 19), compreendemos que uma axiologia implica uma tensão emocional e volitiva numa forma discursiva. Assim, em Bakhtin (2010, p. 85-6) entendemos que um ato axiológico é um momento constitutivo da vivacidade/concretude/historicidade de qualquer prática social, com efeito, “a palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado: pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação

que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também como a sua entonação [...] a minha atitude avaliativa em relação ao objeto – o que nele é desejável e não desejável – e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo”. A posição axiológica é uma forma de não indiferença, se constrói com os eventos da vida concreta, estabelecendo alguma reação ativa, em qualquer grau tendente entre antagonia, protagonia ou indiferença.

³ As traduções dos trabalhos de Bakhtin utilizam ora o termo Metalinguística, ora Translinguística. Em geral, esta expressão é preferida à Metalinguística por questão de ambiguidade, em razão de este termo já ser corrente como uma função jakobsoniana da linguagem.

⁴ Segundo Silva (2013, p. 43), “dá-se o nome de Círculo, em geral, aos grupos formados pelo pensador russo e por seus amigos e colaboradores em diferentes momentos de vida de Bakhtin”. Volóchinov e Medvedev são dois importantes integrantes desse grupo.

⁵ Em Bakhtin (2014; 2011; 2010) e Volóchinov (2017), há uma crítica da cisão entre conhecimento e homem feita pelo objetivismo, e pensamento e mundo, pelo idealismo, que, via de regra, subjazem o imaginário acadêmico.

⁶ Segundo Volóchinov (2017, p. 227-8, grifos do autor), “uma significação única e determinada, isto é, um sentido único pertencente a qualquer enunciado *como uma totalidade*. [Portanto] o sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu tema”. Já a significação entende-se por “aqueles aspectos do enunciado que são *repetíveis e idênticos a si mesmos* em todas as ocorrências” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228, grifos do autor). Nesse sentido, Volóchinov (2017, p. 111, grifos do autor), convencionou chamar “a realidade, que se torna objeto do signo, de *tema do signo*”.

⁷ A respeito da história como forma constitutiva da língua, Volóchinov (2017, p. 157-8) observa que “do ponto de vista do indivíduo, a lei linguística é arbitrária, ou seja, privada de qualquer clareza e motivação natural e ideológica [...]. Entretanto, o sistema da língua, único e imutável no contexto de um dado momento, ou seja, em uma sincronia, muda e se forma no processo da constituição histórica de uma dada coletividade falante. Pois a identidade normativa do fonema estabelecida por nós é diferente nas distintas épocas de desenvolvimento de uma língua. Em síntese, a língua possui a sua história”. A relação entre história e língua/signo/prática discursiva, nesse sentido, ocorre por vias desta ser uma forma de interação que reitera atos estabilizados, mas os remodela de acordo com as contingências urgentes de cada nova situação concreta e viva.

⁸ Segundo Yaguello (in BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 16), Bakhtin/Volochínov coloca igualmente em evidência a inadequação de todos os procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para dar conta da enunciação completa, seja ela uma palavra, uma frase ou uma sequência de frases. A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. O horizonte social, como se vê, é marcado pela especificidade ideológica e situamento histórico em contexto social determinado, o que o relaciona às condições básicas de produção de grupos sociais particulares indispensáveis para sua existência material e simbólica.

⁹ O estudo da relação entre o signo e a descrição/experimentação do mundo/realidade externa atravessa o debate sobre a linguagem desde a cultura antiga à atual, permeado por questões sobre condições de verdade do que se diz e sobre condições de construção discursiva do que sobre se diz. Pode-se dizer que tal debate, atualmente, oscilou de uma visada da referência como uma produção de forma de etiquetagem do mundo, sendo este uma extensão daquela; para uma visada desta como processo de construção daquele, sendo assim, o mundo um

objeto construído discursivamente – o que não quer dizer que a linguagem/referência é que tenha o poder de fazer existir o mundo, apenas diz que a mediação simbólica deste é permitida por relações referenciais linguísticas. A este respeito, cf. Mondada e Dubois (2003) e Marcuschi (2007).

¹⁰ Segundo Volóchinov (2017, p. 96-7, grifos do autor), “um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remeta à “natureza” no sentido literal dessa palavra. O signo tampouco surge entre dois *Homo-sapiens*. É necessário que esses dois indivíduos sejam socialmente organizados, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio sóico pode formar-se entre eles”. Natural e humano não se definem por um ser oposto ao outro, ou por este não fazer parte da natureza, mas pelo fato de o humano se organizar por regras diferentes das naturais, tanto na sua constituição quanto no seu sentido, que é dialógico, ideológico, por isso mesmo, relacional, transitório e contraditório.

¹¹ Volóchinov (2017, p. 35) observa que “cada campo de criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida”.

¹² Stella (2014, p. 178) destaca que o entendimento de palavra na perspectiva do Círculo se apoia num reposicionamento em relação ao seu entendimento em correntes tradicionais. Segundo o autor, em *Discurso na vida e discurso na arte*, de Volóchinov, palavra define-se em relação à vida concreta, como parte dos processos de interação que atribuem valores axiológicos ao que dizem. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov, palavra é apresentada como produto ideológico, porque acumula acentuações axiológicas, concentrando em seu bojo as lentas modificações da base social, *pari passu*, que pressiona mudanças nas estruturas sociais estabelecidas. Enfim, palavra é tomada como discurso situado e não tão somente como signo abstrato.

¹³ Este livro é uma coletânea de poesias inéditas e outras que foram publicadas na obra *como é que chama o nome disso*; traz três seções *n. d. a.*, *cartões postais* – conjunto de poesias elaboradas a partir de fotografias de imagens do cotidiano marginal da cidade, deslocadas de seu contexto habitual – e *nada de dna* – presentes em *como é que chama o nome disso* (2006). Essa obra ilustra a diversidade de técnicas de Arnaldo Antunes: experimentação de poesias extensas e curtas, da disposição das letras na página, além de construções híbridas entre palavras e imagem.

¹⁴ O que não é signo, o sinal basta-se, orienta-se para si, em suas funções utilitárias e naturais. De acordo com Volóchinov (2017, p. 96-7), “o sinal é um objeto internamente imóvel e unitário que, na verdade, não substitui, reflete ou refrata nada, mas é simplesmente um meio técnico através do qual se aponta para algum objeto (definido e imóvel) ou para alguma ação (também definida e imóvel!). O sinal jamais deve ser relacionado à área do ideológico; ele é parte do universo dos objetos técnicos e dos instrumentos de produção no sentido amplo dessa palavra”.

¹⁵ Não concordamos que a análise tradicional não reconheça a existência de efeitos de sentido do paradoxo, nem que apenas sob a perspectiva dialógica se o compreenderá; pelo contrário, afirmamos que a análise linguística pode continuar seus serviços de forma mais apropriada, considerando que existem hoje modos semióticos de organização de efeitos de sentido que requerem o reconhecimento de novas figuras, como ocorre em *cromossomos* e *cosmos*, cuja sobreposição/amálgama visual de vocábulos são-lhe característicos.

¹⁶ Essa constatação é percebida conforme se pode depreender o seguinte enunciado: “(nós) somos cromossomos como (nós somos) cosmos”

¹⁷ A contemporaneidade, com efeito, trouxe uma necessidade de crítica da dinâmica social da globalização que, segundo Bohn (2005), com as facilidades da comunicação em tempo real, levanta expectativas de inclusão e de participação na fruição de bens disponíveis para membros sociais, embora a maioria não possa concretizá-la. Tais expectativas de inclusão e

frustração da possibilidade de sua democratização são textualizadas, por meio do que, onde e quando, diferenças identitárias são constituídas. É, pois, tal qual observa Bohn (2005, p. 21), nas “culturalidades diferentes, minoritárias, às vezes exóticas, muitas vezes transgressoras, revolucionárias que se revelam as diferenças, talvez aí estejam as compreensões dos fenômenos, dos comportamentos, das aprendizagens, da construção do ser humano e suas relações”. Nesse sentido, a relação entre linguística e contemporaneidade, desenvolve-se de acordo com a percepção de novas formas de relação discursiva advindas de espaços marginais, os quais, segundo Fabrício (2006, p. 52), possibilita a emergência de percepções e organizações da experiência social não comprometida com lógicas e sentidos conservadores. A contemporaneidade, de fato, demarca-se, ao lado de uma forte tendência ultraconservadora, por vontades de uma filosofia pós-modernista que, nos termos de Kumaravadevelu (2006, p. 139), “celebra a diferença, desafia as hegemonias e busca formas de alternativas de expressão e interpretação. Ela procura desconstruir os discursos dominantes, tanto quanto os contradiscursos, ao fazer indagações nos limites da ideologia, do poder, do conhecimento, da classe, da raça e do gênero”. É escuso notar que todas estas contradições estão sensíveis nos signos ideológicos.

¹⁸ Dessa forma, caso queiramos dar corpo científico, estabelecer uma teoria e metodologia coerente que possa confirmar a complexidade das relações sociais contemporâneas, precisamos aceitar que determinados textos demandam que o linguista atreva-se a enveredar em searas linguísticas cuja descrição se ampare para além dos limites do signo linguístico abstrato, mesmo que corra o risco de ser acusado de promover uma análise “apenas impressionista”.

¹⁹ A tecno-informação, levada ao limite pelas práticas específicas das práticas de organização social globalizadas, proporcionou simultaneamente (e perigosamente) a exclusão exacerbada em todas esferas da vida social, regidas por lógicas do mercado, como um novo deus, cujos discursos colonizam a vida social, ao mesmo tempo que avanços de um mundo absurdamente veloz que possibilita ser virtualmente alteridades distantes, questionando e confirmando verdades e fundamentalismos, que ampliam letramentos multissemióticos. (MOITA LOPES, 2006, p. 91-2).

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **n. d. a.** São Paulo: Iluminuras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance.** 7. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail.. **Para uma filosofia do ato responsável.** São Carlos, Pedro e João editores, 2010.

BAKHTIN, M, VOLOCHÍNOV. V **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2014.

BOHN, Hilario. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em linguística aplicada no Brasil. In: FREIRE, Maximiana; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira;

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. (Orgs.) **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. Campinas: Pontes. ALAB, 2005. p. 11- 23.

FABRÍCIO, Branca. Fabrício. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

GRILLO, Sheila. Vieira Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 133-160.

KUMARAVADIVELU. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: Beth Brait. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, p. 115-131.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Coerência e cognição contingenciada. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães.; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alene. (Org.) **Referenciação**. Clássicos da Linguística. V.1. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

SILVA, Adriana Pucci Penteado Faria. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014 p. 177-190.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: abril de 2019.

Aprovado em: janeiro de 2020.